

Pedro Jaime de Alencar Araripe (1809-2009) – bicentenário de nascimento (História e Genealogia)

PEDRO ALBERTO DE OLIVEIRA SILVA*

Descendentes de Pedro Jaime, liderados em Fortaleza por Maria Helena Alencar Scutti, e em Salvador por Guarani Valença de Araripe, homenagearam seu ancestral comum. Na capital cearense foi celebrada uma missa no dia 17 de outubro de 2009, ocasião em que rememorou o evento o jornalista José Caminha Alencar Araripe, pronunciando um discurso evocativo, como seu último neto vivente. Foi, também, lançado um selo postal pela ECT alusivo a efeméride, devidamente acompanhado de um “carimbo de 1º. dia”, e uma placa metálica contendo uma réplica dele, cunhada em número reduzido, sendo uma oferecida ao orador da cerimônia e outra ao representante dos correios ali presente.

Na capital baiana, na mesma data, foi afixada no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, por seu sócio efetivo Guarani Valença de Araripe, placa comemorativa do bicentenário de Pedro Jaime ao lado de outra lá existente que comemorava o Centenário da Revolução de 1817, na qual participou Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, como um de seus heróis, pai do homenageado. No dia seguinte, 18 de outubro, realizou-se um almoço de confraternização de parentes e amigos, comparecendo cento e trinta convidados residentes na Bahia, Rio de Janeiro e Paraná.

Pretendemos esclarecer no presente artigo um fato genealógico pouco conhecido, mas, que certamente enriquece os conhecimentos históricos relativos ao Ceará. A origem da família **Alencar Araripe**.

A mais das vezes, as pesquisas sobre famílias cometem muitos erros, principalmente aquelas que abrangem épocas mais antigas. A falta de documentação original, ou fontes fidedignas, é suprida com informações falsas ou incorretas, que são repetidas por outros pesquisa-

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

dores, concorrendo para o descrédito da genealogia como ciência afim da história. Um estudo genealógico exige muita investigação de fontes confiáveis, tempo disponível e paciência. É melhor não informar, do que fazer registros inverídicos.

Uma das particularidades desse tipo de pesquisa é que somente sobrevivem ao tempo aquelas personalidades que tiveram destaque em sua época. Refiro-me a sequência ascendente descendentes. O sobrenome de família geralmente vai desaparecendo no ramo feminino, e aquelas pessoas de posição social mais comum são esquecidas. Perdem-se no tempo. Seus nomes eram registrados nos “livros de batismo” e de “óbitos” das paróquias e, quando esses são destruídos, deixam de existir documentalmente para investigadores que irão recorrer à tradição oral, muitas vezes deturpada. Por isso, na contextura de uma genealogia não aparecem todos.

Numerosos clãs de origem portuguesa, desde o século XVIII, tiveram destaque na colonização e evolução histórica do Ceará. Interligaram-se por consanguinidade, afinidade e miscigenação com outros conterrâneos. Multiplicaram-se ao longo dos anos e se foram dispersando; ficando, às vezes, como testemunho desse fato a conservação dos sobrenomes.

Dentre outras famílias, destacaram-se os **Pereira de Alencar**, que participaram de acontecimentos importantes da nossa história, tais como, a Revolução Pernambucana de 1817, a Guerra da Independência (1822), e a Confederação do Equador (1824). Ganharam notoriedade nesses acontecimentos, Leonel Pereira de Alencar, sua irmã Dona Bárbara Pereira de Alencar, e seus filhos José Martiniano, Tristão Gonçalves e Carlos José. O primeiro foi senador, por duas vezes esteve na presidência da província do Ceará, sendo considerado pelos historiadores um dos mais importantes do período imperial. Os descendentes daquela heroína cearense festejarão, em 2010, os 250 anos do seu nascimento.

Dona Bárbara nasceu em Exu, Pernambuco, em 1760, e faleceu no Ceará em 1832. Era casada com o português José Gonçalves dos Santos e foram seus filhos: João Gonçalves de Alencar, Carlos José dos Santos (pai), Joaquina Maria de São José, Tristão Gonçalves Pereira de Alencar e José Martiniano de Alencar (pai). Esses dois últimos tiveram numerosa descendência, e muitos deles destacaram-se na vida política, social e cultural brasileira.

O ramo familiar **Araripe** é, em sua origem, genuinamente cearense. Surgiu por ocasião da Confederação do Equador no Ceará (1824), quando Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, na presidência da Província revoltada, retirou o **Pereira** e acrescentou o cognome **Araripe**, passando a se assinar Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Nessa época apareceram outros nomes de famílias, numa manifestação de nativismo, tais como: Carapeba, Mororó, Sucupira, Timbó, Carapinima, Anta, Ibiapina e alguns outros.

Tristão nasceu em Barbalha, Ceará, em 17 de setembro de 1790, e foi morto em 31 de outubro de 1824, no povoado de Santa Rosa (Jaguaribara), atualmente sob as águas do açude Castanhão. Casou-se, em 1810, com Ana Porcina Ferreira de Lima; com a qual teve sete filhos: Xilderico Cícero de Alencar Araripe, Neutel Norton de Alencar Araripe, Aderaldo Aureolo de Alencar Araripe, Carolina Clareense de Alencar Araripe, Maria Dorgival de Alencar Araripe, Tristão de Alencar Araripe e Delecarliense Drumond de Alencar Araripe. D. Ana, depois da morte trágica do marido, passou a chamar-se Ana Triste de Alencar Araripe (1789-1874).

Esclarecemos que no surgimento dos **Alencar Araripe** originaram-se dois ramos familiares; o primeiro provindo do casamento de Tristão com Ana Porcina Ferreira Lima (1810) e o segundo com Pedro Jaime de Alencar Araripe, filho daquele herói cearense, nascido quando seu pai era solteiro, no Crato, em 1809. Era filho natural legitimado.

A origem da mãe de Pedro Jaime ainda não foi totalmente esclarecida na história. Seu nome verdadeiro é quase uma incógnita por faltar documentos comprobatórios. Alguém afirmou, e outros repetiram, que “poderia ter sido filho de uma escrava de Dona Bárbara”, com sentido depreciativo. Não há nenhum fundamento histórico ou documentos que comprovem isso. Muitas vezes a lenda persiste mais do que o fato verdadeiro. Os genealogistas que estudaram os Alencar e o ramo Araripe preferiram esquecer Pedro Jaime e seus descendentes. Talvez, devido sua origem, filho natural, por falta de informações, ou porque, em sua maior parte, permaneceram no Ceará.

Fosse verdadeiro aquele fato, que excepcional exemplo de fraternidade e justiça de seus parentes tê-lo aceito e integrado na família, numa época em que o preconceito social e racial eram imperantes. É evidente que Pedro Jaime não nasceu escravo. É mais provável ter sido rejeitado pela família de sua mãe, por conveniência de honra.

Lembramos, nesta oportunidade, que os filhos de escravas eram legalmente escravos, mesmo que o pai fosse um homem livre. Isso até a Lei do Ventre Livre promulgada em 1871, quando, oficialmente, não nasceram mais escravos no Brasil. É crença costumeira ligar a condição de *Escravo* à etnia negra. No Ceará existiram escravos de toda nuance. Não era, portanto, a cor da pele que caracterizava o escravo. No espólio do *Inventário de filho de D. Bárbara*, estudado por Antônio de Alencar Araripe arrolavam-se 38 escravos, classificados como *crioulos, cabras, cabrochas, mulatas e caboclinhos*, (ITAYTERA. Crato, n.18, p.174, 1974). Havia grande quantidade de pessoas livres “de cor”.

É subjacente a discriminação ou complexo de inferioridade racial, que hoje existe, entre muitos dos mestiços brasileiros, porque ignoram esse fato. A ligação Trabalho, Escravo e Negro ainda está muito impregnada no imaginário popular. No norte do Brasil, principalmente, a maioria da população é mestiça. Ninguém é capaz de afirmar que é de raça branca, negra ou indígena apenas pela cor da pele. É tendencioso dizer “minha mãe África”; temos origens portuguesas, indígenas e africanas; a imigração de outros povos europeus e asiáticos é mais recente. A “negritude” é, muitas vezes, manifestação de complexo racial. Os “afrodescendentes” poderiam ter orgulho de serem provindos de escravos brasileiros, pois eles ajudaram a construir a civilização brasileira. Aliás, eles já eram vendidos escravizados por seus irmãos africanos.

Retornando ao tema, fatos posteriores da vida de Pedro Jaime demonstram que não foi rejeitado. Tudo indica que durante a infância teve educação semelhante à dos seus meios-irmãos. Adquiriu conhecimentos suficientes para ser, posteriormente, professor de escola pública, e ter exercido cargos de certa relevância em Quixeramobim. Portanto, certamente foi integrado à família de sua mãe adotiva, Ana Triste, a excepcional esposa de seu pai, como também foi aceito por seus tios.

No inventário datado de 19 de abril de 1860 de um filho de Dona Bárbara, João Gonçalves Pereira de Alencar, (citado anteriormente); na descrição dos bens do espólio, encontra-se o sítio “Pau Seco”, antes pertencente àquela heroína. Nele consta Pedro Jaime, juntamente com seus meios-irmãos: Neutel, Aderaldo, Tristão e Delecarliense, dentre os herdeiros. (ITAYTERA, Crato: n.18, 1974, p. 173).

Em um momento crítico de sua vida, aos quinze anos de idade, viu-se envolvido, juntamente com seu pai, nos acontecimentos

dramáticos da Confederação do Equador, no Ceará, quando então ficou órfão.

Sua aceitação pela família **Alencar Araripe** é comprovada naquele fato, quando seu tio José Martiniano de Alencar (o futuro senador) enviou carta datada, 20 de janeiro de 1825 ao Imperador D. Pedro I, isentando-se de sua participação na Confederação do Equador e atenuando a presença de seu irmão Tristão Gonçalves naquela revolução. Em uma passagem daquele documento, transcrito *ipsis litteris* por Pedro Theberge, em seu livro *Esboço histórico sobre a província do Ceará*, tomo III, p. 9, escreve: “Outro, sim, achando feito 1º. Membro do Governo a meo irmão Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, cuja falta de conhecimentos e nenhuma experiência eu temia que o livrassem a excessos políticos; e desejando desviar-o (sic) deste perigo, e vel-o antes cuidando da criação de 8 tenros filhinhos ...” Observe-se- que Tristão teve com Dona Ana Triste 7 filhos. Pedro Jaime foi incluído como o oitavo.

Dois documentos historiográficos, idôneos, confirmam a citada passagem histórica.

Roque C. de Alencar Peixoto em *Um trecho da vida de Senador Alencar – narrado por seu parente* descreve um episódio da fuga de José Martiniano de Alencar, após a derrocada da Confederação do Equador, nos seguintes termos: “...Uns desceram pela margem do rio, em direção a Pernambuco; outros subiram para Boa - Vista, Alencar, com seus sobrinhos Joaquim Antão, Manoel Antão e Pedro Jaime de Alencar Araripe, com João Franklin de Lima e José Francisco Gouveia Ferraz regressou para o Exu”. (RIC, T. XXXVI, 1922, p.328).

O segundo, *Alencares de sangue e afins (Páginas de história e de família oferecidas ao Instituto pelo Dr João Franklin Alencar Nogueira, que o anotou*, da autoria de João Nogueira Jaguaribe, assim narra o mesmo episódio:.. “José Martiniano de Alencar, vencida a revolução de 1824, fugiu para Exu acompanhado de seus parentes Pedro Jaime de Alencar Araripe Joaquim A. de Carvalho, Manoel Antão de Carvalho, João Franklin de Lima, e mais cem soldados fiéis, com o intuito de homiziar-se na Baía (sic); regressou, porem, nas margens do S.Francisco, onde não achou passagem, e a sua comitiva debandou”. (RIC, T.LIV, 1940, p. 208).

Posteriormente, o inter-relacionamento familiar continuou normal. Otaviano Cícero, filho mais novo de Pedro Jaime, casou-se em primeiras núpcias com sua prima Matilde Sucupira de Alencar Araripe, filha de seu

tio Neutel Norton, irmã do coronel Tristão Sucupira de Alencar Araripe, morto em Canudos.

Fica assim comprovada a incorporação de Pedro Jaime na família **Alencar Araripe**. Há mais um adendo: talvez tenha sido o mais jovem participante (14 anos) nas refregas daquela revolução, no Ceará.

Esteve também presente em pequenos acontecimentos históricos ocorridos em Quixeramobim, testemunho de sua presença nessa cidade histórica cearense, onde viveu grande parte de sua existência e ali morreu.

Nela surgiu, praticamente, a Confederação do Equador no Ceará, contra decisões políticas do imperador D. Pedro I, trazendo consequências trágicas para a família Alencar. A Abdicação daquele monarca ao trono, em 7 de abril de 1831, trouxe grande alegria para muitos brasileiros.

Em Quixeramobim a satisfação não foi menor. Nos dias 11, 12 e 13 de junho daquele ano, organizaram-se grandes festejos, “o que nem sempre se verá”. Transcrevemos aqui o trecho do jornal *Cearense Jacaúna*, que circulou em Fortaleza a partir de 1831. Era seu redator José Ferreira Lima Sucupira. O jornal obedecia à orientação política da facção de José Martiniano de Alencar, o futuro Senador Alencar. (CÂMARA, José Aurélio Saraiva; *Fatos e documentos do Ceará provincial*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1970, p.72).

[...] “Encarregaram-se, pois, de dirigirem a função o Ilustríssimo Senhor Capitão e Comandante do Esquadrão de Cavalaria, Manoel Alexandre de Lima, e o Ilustríssimo Professor de primeiras letras Senhor Pedro Jaime de Alencar Araripe, que incansáveis no desempenho de suas honrosas comissões, tiveram a indizível satisfação de apresentarem aos seus concidadãos e amigos da Pátria tudo quanto podia concorrer para maior aumento e perfeição de tão festival contentamento, aquele em preparar um suntuoso banquete, a este em encenar uma excelente contradança”.

Pedro Jaime desempenhou funções no judiciário. No excelente trabalho de pesquisa histórica da autoria do Desembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca, *Execuções de penas de morte no Ceará* (RIC T. VIII, 1894) encontramos sua presença em processos vários, como aquele em que era réu Estácio José da Gama e vítima Luciano Domingues de Araújo (1834) onde aparecem seu sogro José Joaquim da Silva Lobo, como Escrivão do Crime e Pedro Jaime da Alencar Araripe como Secretario do Conselho de jurados.

Mais momentoso foi o processo contra o escravo José – vulgo Fuisset – 1837, assassino do seu senhor, a mando de sua amante, esposa daquele. Transcrevemos um trecho dele por ser muito curioso: “[...] Ocorreo então ao Juiz de Execução, Tenente-Coronel Pedro Jayme de Alencar Araripe, ir a cadeia que estava cheia de recrutas para o exército e offerecer soltura daquele que se quizesse” prestar para ser carrasco. “O executor receberia o pagamento de 5\$000 reis, uma garrafa de vinho e uma galinha gorda...”.

Pedro Jaime de Alencar Araripe nasceu no Crato a 17 de outubro de 1809, casou-se no dia 23 de outubro de 1835, em Quixeramobim, onde residiu e faleceu do *cólera morbus* a 3 de julho de 1862.

Sua mulher, Isabel Valdinar de Alencar Araripe, solteira Isabel Sabina da Silva, nasceu no Icó, em 11 de julho de 1810, era filha de José Joaquim da Silva Lobo e Simoa Joaquina da Silva Lobo. Antonio de Alencar Araripe, o maior estudioso desse ramo dos Araripe, afirma que a avó do jornalista e historiador João Brígido era irmã gêmea de Isabel Sabina, sua avó paterna; e sobre esse casamento diz: “[...] tendo havido, de seu aludido consórcio, 14 filhos, entre os quais nos cumpre relembrar os dos professores Antonio Jaime e Pedro Jaime de Alencar Araripe, filho, tradicionais chefes políticos e deputados provinciais do regime passado, e o advogado Otaviano Cícero de Alencar Araripe”. (ITAYTERA, n. 9, 1963/1964).

Diz, ainda, que seu avô escreveu de seu próprio punho os seguintes apontamentos:

“Alguns atos mais notáveis de minha vida.

a) Fui provisionado de Professor de Primeiras Letras para Quixeramobim em 1829, cargo de que tomei posse a 15 de julho de mesmo ano, com os vencimentos anuais de 300\$000 reis. Dei minha demissão do governo da Província a 31 de dezembro de 1835. Foi esse meu primeiro emprego público que ocupei, em nota alguma publicada.

b) Em 1837, na lista tríplice dos votados para Juiz de Paz em Quixeramobim, fui pelo Governo tirado para servir o ano.

c) Em data de 17 de maio do mesmo ano fui competentemente nomeado Escrivão do Troco da Moeda de Cobre com vencimento mensal de trinta mil reis.

d) Em 1840 fui nomeado pela respectiva Câmara de Juiz de Di-

reito “ad hoc” para julgar certas causas cíveis em que o Dr Juiz de Direito se dera de suspeito.

e) Em 1841, sendo o 1º. proposto a 23 de abril pela Câmara Municipal na lista tríplice ao Governo Provincial para juiz municipal, fui pelo mesmo Governo escolhido e titulado, e exerci o cargo então, interinamente, de Juiz de Direito, que se achava vago”.

Foi nomeado, em 1847, tenente-coronel da Legião de Quixeramobim, onde chefiou o Partido Liberal.(Itaytera, Crato, nº 13).

Quanto aos citados quatorze (14) filhos, supomos que alguns por não terem destaque social, e talvez por serem do ramo feminino, perderam o sobrenome Alencar Araripe, não dando continuidade a esse nome de família; ou ainda, permaneçam em documentos esquecidos nos arquivos.

Naquela época, quando a necessidade da sobrevivência dispersava as famílias do sertão, geralmente numerosas, seus membros perderam-se uns dos outros na voragem do tempo. Os registros escritos que poderiam perpetuar seus nomes foram, quase todos, destruídos por omissão ou descaso dos seus responsáveis.

Fica assim definido o surgimento do ramo dos **Alencar Araripe** proveniente de Pedro Jaime de Alencar Araripe, filho mais velho de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

A partir daqui é genealogia. Porém, iremos apenas caracterizar, sucintamente, os citados personagens e seus descendentes mais próximos, os quais, em sua maioria, permaneceram no Ceará e representam condignamente seu antepassado.

PEDRO JAIME DE ALENCAR ARARIPE (Filho)

Desconhecemos uma fonte historiográfica que retrate melhor uma síntese biográfica desse personagem histórico do que aquela apresentada por Hugo Victor Guimarães, em seu livro *Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará. Assembléias Legislativas – 1835-1947*. Fazemos uma transcrição para sermos objetivos:

“Nasceu em Quixeramobim a 14 de março de 1838 e faleceu em Mombaça (Maria Pereira antigamente) a 31 de janeiro de 1913. Na idade

de 20 anos foi nomeado pelo presidente da província, Dr João Silveira de Souza, professor público, interino, da então vila de Maria Pereira, e a 16 de outubro de 1860 prestou exame, em Fortaleza, para a cadeira de Santa Quitéria, sendo nomeado pelo presidente Nunes Gonçalves (Visconde de São Luis do Maranhão). Antes, por título de 3 de setembro de 1859, tinha sido nomeado sub-delegado de polícia de Quixeramobim. Em Santa Quitéria permaneceu cerca de três anos, exercendo, além de professor, outras funções públicas, e tendo patente de Capitão comandante da Companhia Avulsa n.7 da Guarda Nacional, por portaria do vice-presidente em exercício, Comendador José Antônio Machado, precedendo proposta do Comandante Superior, Coronel Joaquim Ribeiro da Silva (citao). Removido em setembro de 1863 para a cadeira do Crato, por portaria do presidente José Bento da Cunha Figueiredo Junior, entrou em exercício em 15 de outubro, sendo dali removido, novamente, para a cadeira de Maria Pereira, onde passou, também, a advogar, uma vez provisionado pelo Tribunal da Relação do Distrito. Em 1878, “acossado pela seca e por motivo de doença tendo deixado sem licença o exercício de seu emprego, veio a Fortaleza, requerendo, a 1º. de abril, 15 dias para retornar à sede da aula, e a 22 pedia para ser adido à cadeira da vila de Pacatuba. Como deputado atuou brilhantemente em defesa da ordem pública, dos interesses da justiça e da instrução, notadamente do ensino primário, apresentando em 1883 um projeto que justificou e defendeu, autorizando o governo da província a despendar Cr\$ 500.000\$00 (500:000\$000 reis – 500 contos de reis) com a construção de açudes em diversas zonas da província. Foi por assim dizer, um precursor do plano de defesa das Obras Contra as Secas, posto em prática, em 1909, pelo governo federal.”

Noticiando seu falecimento, o historiador e jornalista João Brígido escreveu no jornal *Unitário*, de Fortaleza, transcrito no verbete acima citado, um extenso necrológio destacando sua vida política.

Hugo Victor cita os nomes de dez filhos de Pedro Jaime com “Ana de Alencar Araripe”(Ana Benevides de Alencar Araripe):“**Cipriana Benevides de Alencar Feijó**, casada.com Francisco de Assis Barroso Feijó; **Marcelo Jaime de Alencar Benevides**, falecido; **Antônio Jaime de Alencar Benevides** ; **Maria Augusta de Alencar Benevides**, casada com José Augusto Feijó Benevides; **Manuel Jaime de Alencar**

Benevides; Beatriz de Alencar Benevides Teixeira, casada com Eurico Benevides Teixeira; **Otaviano Jaime de Alencar Benevides**, falecido no Rio; Augusto Jaime de Alencar Benevides (**Augusto Jaime Benevides de Alencar Araripe**), casado com sua prima D. Nair Benevides de Alencar, em Mombaça. FILHOS: Iran de Alencar Benevides, José Marijeso de Alencar Benevides, Maria Mirtes Benevides de Alencar; **José Jaime de Alencar Benevides**, residente em São Paulo; **Isabel de Alencar Benevides**, Religiosa.” Não menciona **Maria José Benevides de Alencar**.

Celina Maria Montenegro Castelo, bisneta de Pedro Jaime Filho, em livro de sua autoria, *Na Poeira do Tempo. Memórias*. (Fortaleza: Inforgraf, 1999), faz referência à sua avó paterna, **Maria José Benevides de Alencar**, como a décima primeira filha de Pedro Jaime. E prossegue: “Interessante que, exceto Maria José Benevides de Alencar (depois casada com o vovô Manuel, Maria José de Alencar Castelo) e Augusto Jaime Benevides de Alencar Araripe, os demais irmãos tiveram a ordem do sobrenome invertida: o Benevides da mãe depois do Alencar do pai. Esse fato fez com que as mulheres descendentes desses filhos de Pedro Jaime, perdessem o nome Alencar ao casarem-se”.

A maior parte da descendência de Pedro Jaime reside em Mombaça e Fortaleza, porém não conseguimos mais informações sobre eles.

ANTÔNIO JAIME DE ALENCAR ARARIPE

“Nasceu a 10 de junho de 1840, e faleceu em Quixeramobim a 22 de outubro de 1903. Dedicando-se ao magistério, submeteu-se a concurso, sendo nomeado professor de primeiras letras de Jardim, em 1862, removido a 8 de agosto de 1865 para a cadeira de Maria Pereira (Mombaça), voltando a Jardim onde por portaria de 3 de agosto de 1871 teve nomeação de alferes-cirurgião da Secção do Batalhão da Reserva da Guarda Nacional. Removido novamente, desta vez para São Mateus, e em seguida para Maria Pereira..(GUIMARÃES, Hugo Victor, *Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará – Assembléias Legislativas 1835-1947*. Fortaleza: Editora Jurídica Ltda, 1947.p.178).

Foi eleito deputado provincial na última legislatura do Império (1888-1889). Casou-se três vezes; no primeiro relacionamento tiveram 4 filhos: Leovigilda (Leó), Antônio, Filomena e Maria. Do segundo ca-

samento com Ana Josefina de Almeida, 6 filhos: Pedro, Isabel (Besinha), Joana, Sinharinha (irmã Antonia), Maria Madalena (Mazinha) e Maria do Carmo (Carmin). Do terceiro: Iracema, Pery, Ceci e Etelvina. Totalizando 11 mulheres e 3 homens. Maria Madalena (Mazinha), (avó do autor deste registro) afirmava que ele era muito caridoso e manipulava remédios naturais e outros que distribuía gratuitamente aos necessitados. Sua nomeação como *alferes-cirurgião* da Guarda Nacional talvez se relacionasse a esse fato.

Dos seus filhos sabemos apenas que: **Antônio**, o mais velho, foi muito jovem para o Rio de Janeiro. Casou-se com uma carioca chamada Úrsula e tiveram cinco filhos: Lauro, Maria do Carmo (Morena), Jandyra, Zaíra e Dalva. Com o falecimento de seu pai, chamou para sua companhia os irmãos Pedro Jaime, Joana, Isabel e Sinharinha. Duas das quais foram religiosas, tendo sido uma Superiora de um Convento no Rio de Janeiro. Antônio Jaime, filho, chegou a ocupar o cargo de diretor da Imprensa Nacional. Seu filho Lauro de Alencar Araripe foi destacado médico no Rio de Janeiro.

Os Alencar e Alencar Araripe têm muitos homônimos na família.

Pedro Jaime casou-se no Rio de Janeiro e teve dois filhos: Celso, e José que faleceu bem jovem. Celso Freire de Alencar Araripe foi Coronel de Artilharia, tendo comandado um Regimento em São Paulo e sido afastado da ativa, em 1964, por razões políticas. Casou-se com Noemy e tiveram única filha chamada Celmy, médica psiquiatra.

Das filhas que permaneceram no Ceará temos algumas notícias:

Maria Filomena de Alencar Araripe (Maria Rangel), casada com Domingos Rangel de Alencar. FILHO: Antônio Jaime de Alencar Araripe Neto.

Leovigilda de Alencar Araripe (Leó), casada com Mariano Lameu Camelo (era irmão de João Evangelista da Silva, casado com Maria do Carmo de Alencar Araripe – Carmim), não deixou descendentes.

Maria Madalena de Alencar Araripe (Mazinha), casou-se com Joaquim Leão de Oliveira. FILHOS: José Leão de Alencar Oliveira, casado com Valdívnia Monte e Silva. NETOS: Roberto, Leone, Lúcia, Lucione, José Leão de Alencar Oliveira Júnior, Liduina, Walter, Walder. Rita de Alencar Oliveira, casada com Antônio Alberto da Silva. NETOS: Pedro Alberto, Simone, Ruth, Daniel Alberto, Valéria. Maria de Lourdes Alencar Oliveira, casada com Fleury Linhares (sem descendentes). Maria do Carmo de Alencar Oliveira, casada com Humberto Pinheiro

Fontes.NETOS: Eduardo Fontes, Ernesto, Ângela, Roberto, Expedita, Helena. Antônia de Alencar Oliveira, casada com Francisco Hindenburg Carneiro Vasconcelos.NETOS: Elba, Hugo, Nilo, Diva, Leda, Ciro, Iara, Ieda, Elno. Joana D'Arc de Alencar Oliveira, casada com Pedro Jaime Benevides (primo).NETOS: José, Pedro, Maria Gláucia, Maria Lúcia, Maria das Graças, Maria de Fátima, Antônio de Pádua, Thomas Edson, Paulo de Tarso, Ana Paula.

Maria do Carmo Alencar Araripe (Carmim), casou-se com João Evangelista Lameu Camelo (à época do casamento, aproveitou para trocar o nome para João Evangelista da Silva, em razão de briga com a família ancestral). FILHOS: João Batista de Alencar Silva, casado com Maria Umbelina da Silva.NETOS: Antônio, Cesário, Cristóvão, Francisco, José, Luís, Maria do Carmo, Maria das Graças, Maria do Socorro, Pedro. José Jaime de Alencar Silva, casado com Rosa Pereira dos Santos.NETOS: Maria Helena, casada com Aparecido Scutti, (não tem descendentes), Francisco, Maria do Carmo, Pedro Jaime, Bárbara, Rosa Maria, Ana Maria, José Jaime (Junior), Renato Eduardo e Maria de Nazaré. Ana (Anita) solteira, sem filhos; Antônio Jaime de Alencar Silva, casado com Leomar Ferreira (1º casamento). NETOS: Francisco, Ceci, Vilanir, Celmo, Celso, Célio, Maria de Fátima, Maria do Socorro, Estela, Salete, Marta, João Evangelista, Antônio Jaime, Messias, Marcelo (15 filhos). Viúvo,casou-se com Maria Luiza Silva Rego. NETOS: Mauro, Madalena, Marlene, Jonas, Antônio Carlos, Mariana e Alberto (sete filhos).Fixou residência no Pará. Pedro Jaime de Alencar Silva, casado com Zuleica Barros. NETOS: Alberto, Bernardo, Márcia, Maristela, Mônica, Ricardo, Roberto. Maristela Alencar Silva, casada com Adatauto Costa. NETOS: Rossini, Nasser. Sebastião Alencar Silva (solteiro sem filhos). Mario Alencar Silva, casado com Maria Bezerra. NETOS: Francisco, Iracema, Íris, Ivone, João Bosco, Jeová, Margarida, Maria de Fátima, Maria do Carmo, Mônica e Turis. Raimundo Fernando de Alencar Silva. Seguiu a carreira militar na Marinha.

Iracema de Alencar Araripe, casou-se em João Pessoa com Graciliano Targino Delgado. FILHOS: Iraci Delgado de Alencar, casada com Giacomo Porto. NETOS: Domingos, Mário. Luzia Delgado de Alencar, casada com Italmar Monteiro. NETOS: Maria Helena, Elizabeth, Tânia, Sandra, Graciliano. Nair Delgado de Alencar, casada com João Gadelha. NETOS: Fátima, Gadelha, João, Eliane. Nadir Delgado

de Alencar (solteira sem filhos). Jaci Delgado de Alencar, casada com Hélio Pinheiro. NETOS: Heloisa, Lúcia, Leila. Waldir Delgado de Alencar, casado com uma prima (Didi). NETOS: Walmir, Cleni. Walter Delgado de Alencar, casado com Maria Auxiliadora de Lima. NETOS: Fábio, Luciana, Rafael, Alan.

Etelvina de Alencar Araripe (Nenê), casou-se com Edgar Monteiro e tiveram quatro filhos.



OTAVIANO CICERO DE ALENCAR ARARIPE

Nasceu Otaviano no dia 22 de março de 1849, em Quixeramobim, e faleceu no dia 12 de março de 1937 em Várzea Alegre. Durante sua vida pública, “coube-lhe exercer o cargo de escrivão da Coletoria Geral de Quixeramobim, ao tempo da gestão do cel. Silva Souza, tabelião público e escrivão do geral de Pereiro, onde permaneceu cerca de 25 anos, escrivão de órfãos, interino, de Fortaleza e promotor de justiça de Jaguaribe Mirim, Senador Pompeu, Tauá, Iço, Jardim e Lavras”.

“Comissário encarregado da direção da distribuição de gêneros aos flagelados da seca de 1877, em Fortaleza, nesse tocante prestou, ao lado de João Cordeiro e outros patriotas, relevantes serviços à coletividade.”

“Como causídico, no interior do Estado, figurou entre os que ali mais se destacaram no exercício daquela nobilitante profissão”.

Casou-se três vezes: a primeira, a três de março de 1872, com a prima Matilde Sucupira de Alencar Araripe, filha do seu tio Neutel e irmã do coronel Tristão Sucupira de Alencar Araripe, morto em Canudos; a segunda com Rita Cavalcante Araripe, filha de Alberto Cavalcanti de Moraes Rego, e a terceira com Joana Caminha Gondim Araripe.

Do seu primeiro matrimônio, desapareceram cedo os filhos havidos desse consórcio.

“O segundo, celebrado no termo de Pereiro, deu ao casal avultada prole, sobrevivendo-lhe nove filhos: Tristão, Artur, Ovídio, Cícero, Antônio, Amélia, Geórgia, Maria, Alice, Socorro”.

Tristão, residente no Acre, casado com Maria Augusta. FILHOS: Araripina, casada com Antônio Fecuri, comerciante em São Luis. Nini, casada com o promotor de Tarauacá, Dr Dornelas Câmara. Moacir, casado com Ozarina...

Ovídio, “do alto comércio do Acre”, casado com Amélia. FILHOS: Tarcila, casada com o primo Jaime Alencar Araripe (desembargador). NETOS: Márcia, Marco, Antônio Jaime Filho. Edson, casado com Nair. NETOS: Manoel, Lena, Amélia. Ovília, casada com Rui Lino. NETOS: Regina, Beth, José Rui, Ovídio. Domitila, casada com Eldon. NETOS: Ana, Amélia, Pergentino, Ovídio. Alencarina, casada com Adib. NETOS: Adib Junior, Hanne, Amélia. Amédio, casado com Eliane. NETOS: Ovídio, Eduardo, Vladimir. Maria Rita. Maria Amélia, casada com Carlos Abrantes. NETOS: Carlos Filho, Isla Amélia, Ana Cláudia.

Cícero, casado com Gualterina (Terezinha). FILHOS: Maria do Céu (sem filhos). Valquíria, casada com Cardoso. NETO: George. Luiz Gualter, casado com Mazé. NETOS: Lorena, Frederico, Veleda, Luiz Gualter, Séfora. Ossian, casado com Maria do Céu. NETOS: Ossian Filho, Samuel, Ana Gualterina, Lana, Pérciles, Ítalo. Zuleica, casada com Luiz Mario Mamede. NETOS: Luiz Mário Filho, Márcio, Ângela, Valéria. Jacira, casada com José Maria. NETOS: Francisco Cláudio, Cícero Neto, Sergio, Ana Cláudia. Jairo, casado com Zilda. NETOS: Mario, César, Silvana, Jaqueline, Jairo Júnior. Ielda, casada com Aristeu. NETOS: Leda, Ricardo Roberto, Lísia, Regis, Luana. Neidja (sem filhos). Maria de Fátima, casada com Wander. NETOS: Adriana, Marcos, Marcelo. Cícero foi casado 37 anos e deixou uma

descendência de 37 netos, 80 bisnetos e 6 trinetos. Conforme informa seu irmão J. C. Alencar Araripe.

Antônio, casado com Donita. FILHOS: Rivanda. Jósio, casado com Eneida. NETOS: Tiago, Flamínio, Zínia, Leonel, Donita. Edda, casada com Aderson. NETOS: Aderson, Sérgio, Bartira. Jales, casado com Adília Maria. NETOS: Ana Lídia, Antônio, Raquel, Alice, Anabela. Moema.

Amélia, casada com Teixeira Lima. FILHO: Quintílio, casado com Júlia Ciarline. NETOS: Carlos Augusto, Roberto Ney, Maria Isa, Maria Inez, Maria Cláudia, Mônica, Maria Célia. Em segundas núpcias (Amélia de Alencar Lima), casada com seu primo Antônio Jaime de Alencar Araripe (Neto), passou a chamar-se Amélia de Alencar Araripe. FILHO: Jaime de Alencar Araripe (desembargador).

Geórgia, Maria Alice, Socorro.

Sua terceira esposa deu-lhe um filho único:

José Caminha Alencar Araripe, Casou-se duas vezes: no primeiro matrimônio com Noeme Benevides Alencar Araripe. FILHOS: Otaviano, casado com Silvânia. NETOS: Fábio, Fabiana, Juliana, Renata e Noeme. Maria Leone, NETOS: André, Alexandre, Leonardo, Fernando Fátima Maria, NETOS: Joana, João Paulo, Carolina, Pedro. Rui, casado com Tereza Fiúza. NETOS: Rui Filho, Geórgia, Bruno. José Caminha Júnior. NETOS: Tobias, Monique, José Caminha Neto. Maria Helena. NETOS: Edgar, Fabrício. Noeme, casada com Sergio Cordeiro. NETOS: Davi, Victor e Gabriel.

No segundo, com Ilka Monteiro Tigre, não deixando descendência.

Registramos assim uma parte da descendência de Pedro Jaime de Alencar Araripe (o velho). Os lapsos cometidos ficam por conta das dificuldades de informações. As pesquisas ficam abertas para futuros estudiosos. Como consequência historiográfica apresentamos a origem desse ramo dos **Alencar Araripe** e sua história.

Bibliografia

Revista do Instituto do Ceará (RIC). Fortaleza: Tomos, VIII – 1894; XXXV – 1922; LIV- 1940; XCV – 1981; CIV – 1990.

2. Revista ITAYTERA. Crato: n. 3 – 1957; n.8 – 1962; n. 9 – 1963/1964; n. 13 – 1969; n. 18 – 1974; n. 21 – 1977.

3. ARARIPE, J.C. *Bárbara e a saga da heroína. José de Alencar e o desafio da escravidão*. Rio, São Paulo, Fortaleza: ABC Editora, 2006.
4. ARARIPE, Antônio Alencar. *Pedro Jaime de Alencar Araripe*. Fortaleza: jornal *O Povo*, Ed. 22.05.1962
5. CÂMARA, José Aurélio Saraiva. *Fatos e documentos do Ceará provincial*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1970.
6. CASTELO, Celina Maria Montenegro. *Na poeira do tempo (Memórias)*. Fortaleza: Inforgraf, 1999.
7. GUIMARÃES, Hugo Victor. *Deputados provinciais e estaduais do Ceará. Assembléias Legislativas. 1835-1947*. Fortaleza: Editora Jurídica Ltda, (1951).
8. MOREIRA, José Roberto de Alencar, ALENCAR, Raildson Jenner Negreiros de. *Vida e Bravura – Origens e genealogia da família Alencar*. Brasília: CERFA, 2005.
9. *Revista do Ceará*, sobre direção de Murilo Mota. n. III. Fortaleza, 1936.
10. STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. v. 3. Fortaleza, 1915.
11. Centenário de Augusto Jaime Benevides de Alencar Araripe. 1894-1994. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, (s.d.).
12. Apontamentos genealógicos da família Alencar Araripe da pesquisadora Maria Helena Alencar Scutti.
13. Obtivemos informações importantes de artigos da autoria de Antônio de Alencar Araripe, filho de Otaviano Cícero de Alencar Araripe, publicados na *Revista Itaytera*, (Instituto Cultural do Cariri), do Crato-CE. Foi professor, advogado, jornalista, escritor, deputado federal (deputado constituinte) em duas legislaturas e prefeito municipal do Crato-CE por duas vezes.